

Investidor externo aprova mudança

Indicação de Fraga pode trazer credibilidade porque ele é visto como um operador realista

Getulio Bittencourt
de Nova York

A indicação de Armínio Fraga para presidir o Banco Central em substituição a Francisco Lopes foi bem recebida pelos mercados financeiros internacionais. Fraga é um especialista em dívida e investimentos externos nos mercados emergentes, e

já foi diretor da área externa do Banco Central e vice-presidente da Salomon Brothers (hoje Salomon Smith Barney). Lopes é visto mais como um especialista em inflação.

Fraga acumulou tanto a experiência de vender como a de comprar dívida ou ações, e por isso conhece bem o comportamento do investidor

externo. Lopes, que ajudou a desenhar o Plano Real, tem menor experiência externa. Num encontro com investidores internacionais liderados por Thomas Trebat, um executivo do Citigroup, no começo do ano passado, Lopes disse que ninguém deveria ter levado a sério o ajuste fiscal prometido pelo Brasil em novembro de 1997, porque "não era para valer".

Foi em parte devido a planos que não eram para valer que os investidores externos ficaram mais cautelosos com o risco brasileiro. Fraga pode trazer consigo alguma credibilidade porque é visto como um operador, prático e realista. "Se ele anunciar um programa econômico, terá muita credibilidade", disse o economista chefe do Banco InterAmericano de Desenvolvimento, Ricardo Hausmann.

Mesmo o fato de Fraga vir de uma alta posição no Soros Management Fund, do megaespeculador George Soros, não parece afetar negativamente sua percepção. "Não se deve confundir Armínio Fraga com George Soros", explica o economista-chefe do Goldman Sachs para a América Latina, Paulo Leme. "Uma coisa é o indivíduo e outra, a companhia. Ele tem idéias que às vezes podem coincidir com as de Soros, e às vezes diferir radicalmente."

Em resumo, "o novo presidente do Banco Central é muito respeita-

do, por ser um profundo conhecedor dos mercados financeiros, especialmente dos países emergentes", acrescentou o diretor-gerente do banco de investimentos Lehman Brothers para a América Latina, Carlos Guimarães. "Essa experiência é de fundamental importância, especialmente considerando o momento que o Brasil atravessa e a importância dos capitais externos nesse contexto." Mas Guimarães lembra que, "hoje em dia, os investidores externos não estão mais dispostos a financiar expectativas, somente fatos. E o tempo não corre mais a favor do Brasil. A reversão de expectativas sobre a situação do país só acontecerá uma vez que fatos concretos ocorram". E a lista de fatos que ele anota em suas conversas com investidores incluem os suspeitos de sempre: ajuste fiscal aprovado pelo Congresso, e taxa de juros mais baixa.

O executivo do Lehman Brothers ressalta que o papel do Congresso é decisivo hoje, para ajudar o governo a aprovar medidas de ajuste fiscal e de equilíbrio das contas públicas; como resultado desses dois fatores, o governo poderá então reduzir as taxas de juros internas. A curto prazo, o Brasil só conseguirá reduzir os juros, a seu ver, com algum tipo de indexação. Fraga vai assumir o cargo num momento dramático, nota Guimarães, mas com a experiência e a competência para realizar um bom trabalho.